

O analista e sua aposta

Alejandra Ruíz LLadó

Dentro do que poderíamos considerar um clima de época, a liberdade é recortada como um significante privilegiado do que é entendido como uma clara extensão de seus domínios.

Liberdade de movimento, liberdade de acesso ao conhecimento, agora configurado como uma massa flutuante de livros, aulas, música, que podemos acessar sem passar por um professor, um guia, um livreiro ou pagar um direito autoral. A de alugar um útero para ter filhos, congelar óvulos para ter descendência à vontade, além das restrições que a biologia impunha em outros tempos. O de poder escolher o próprio gênero, tentando se libertar das determinações anatômicas do sexo e, ao mesmo tempo, exigir que a anatomia - na verdade, o poder médico - adapte o corpo a essa escolha, desafiando e ao mesmo tempo cumprindo a máxima freudiana de que "anatomia é destino", já que a liberdade de mudar o destino curiosamente traz consigo o direito de modificar a anatomia.

"Yo nena, yo princesa: Luana, la niña que eligió su propio nombre" é um livro escrito por Gabriela Mansilla, mãe de uma menina trans. É um diário que começa em 2011, quando Luana tem 4 anos de idade, e termina em 2013, quando ela recebe seu documento de identidade como menina. Ela é conhecida por ser a pessoa mais jovem do mundo a conseguir essa mudança. Não vou me deter, nesta ocasião, nos detalhes do livro, sobre o qual já publiquei um trabalho em que detalho os pontos que, do ponto de vista da mãe, visam explicar a mudança de identidade de gênero de seu filho Manuel. Gostaria de destacar, nesta ocasião, aqueles que têm relação com a questão da liberdade:

O surgimento do desejo de ser uma menina, que a mãe reconhece e situa aos dois anos de idade. Embora não tenhamos certeza de que se trata de um desejo no sentido psicanalítico do termo - faltam-nos os elementos para definir se é um comando, um impulso ou um desejo -, podemos considerá-lo como tal, pelo menos por enquanto.

2 - Um segundo momento, em que a mãe vai a um neurologista, a um psicólogo e a um psicanalista, que fracassam sucessivamente diante da piora do estado da criança e de certos males de que ela sofre desde muito pequena: insônia, problemas alimentares, queda de cabelo. Diante das tentativas de alguns desses terapeutas de fazê-lo aceitar sua condição masculina, a criança fica perturbada e esconde suas roupas femininas ou as usa secretamente. Aos três anos e meio de idade, ele puxa o cabelo, bate a cabeça na parede e se morde.

Ao assistir a um documentário da National Geographic sobre pessoas transgênero, a mãe reconhece imediatamente o filho: "É isso que ele tem. É isso mesmo. A partir desse momento, a mãe fica mais tranquila porque finalmente encontra um significante do que seu filho tem. Esse significante nomeia todos os males da criança, dando a certos sinais um significado diferente do de uma doença, um quadro de angústia ou uma mera neurose. A mãe o retira do tratamento e, por sua escolha, consulta um serviço especializado.

4 - Em 31 de julho de 2011, Gabriela registra com curiosa precisão em seu livro, seu filho Manuel, de 4 anos, aparece com uma camiseta longa dela que parece um vestido. E ele faz uma declaração: "Eu sou uma menina e meu nome é Luana. E se você não me chamar assim, eu não vou te ouvir". A partir disso, a mãe infere que "é isso, não tem mais volta". Ela escolheu um nome, um nome de mulher, ela fala para o pai". O relato da mãe destaca a atribuição de uma escolha definitiva que "não teria mais volta" e que, enfatiza-se, Manuel fez sozinho e por conta própria. Após esse episódio, a mãe de Luana decide procurar o serviço especializado em identidades trans, pertencente ao Hospital Durand, onde ela é encaminhada à psicóloga Valeria Paván. A Sra. Paván é ativista e coordenadora da área de saúde da comunidade homossexual argentina (CHA) e confirma a indicação: trata-se de uma menina trans. Com base nesse caso, ela dirigiu o documentário "Yo nena, yo princesa", escreveu o prólogo do livro de Gabriela Mansilla e também editou uma compilação, publicada recentemente, na qual todos os profissionais, diretores de escolas, professores e ativistas LGTTTBIQ que acompanharam a mudança de identidade de Luana falam sobre ela. Podemos considerar essa publicação como o non plus ultra da ideologia de gênero.

6.- O que é historicizado tanto no livro de Gabriela Mansilla quanto nos dos profissionais e ativistas que lideraram o acompanhamento, o que é atestado de forma central, é o surgimento de um desejo trans, sua emergência, o momento em que um menino ou menina diz que percebe seu corpo como identificado com um gênero diferente do biológico, como um fato de autodeterminação. Essa autodeterminação exige, de fato, que se dê à criança o status de um sujeito de pleno direito, ou seja, um adulto. Se, por um lado, a criança não pode concordar com a relação carnal apenas com seu consentimento, porque se entende que seu consentimento seria inútil como menor de idade, na medida em que a identidade de gênero é legalmente separada de qualquer conotação sexual e é consagrada como um direito, o consentimento da criança conta como um sujeito pleno. Mas o que é importante não é o aspecto legal em si, mas o que ele revela

sobre a ideologia e o horizonte da época em que praticamos. Há uma parte da sociedade que acredita em um conhecimento inato e em um sujeito que poderia se autodeterminar, sem passar pelo Outro. Um sujeito que teria em si os elementos de suas identificações, suas escolhas, suas orientações, o que pressupõe em cada um de nós um saber inato.

A história da mãe é construída justamente sobre essa hipótese: a de que ela mesma, como mãe, nada teve a ver com o surgimento da decisão transgênero de sua filha. Hoje você é mais menina do que qualquer outra menina que eu conheço, você escolheu seu nome, suas cores, seus vestidos e bonecas. Você escolheu 'ser' e a mamãe só te apoia e te acompanha nas suas decisões, o que eu aprendi a respeitar vendo que você se sentia mais feliz assim".

Aos 4 anos de idade, Luana entra no jardim de infância vestida de menina. Pouco tempo depois, a nova lei de identidade de gênero foi aprovada e o processo de obtenção do DNI começou. Para conseguir a mudança de identidade por meio de uma resolução judicial, algo que não poderíamos desenvolver aqui, os ativistas e advogados decidiram transformar Luana em um caso de testemunha e, com base nisso, foi decidido que a identidade trans de Luana precisaria passar por um processo de visibilização conjunta: "O coming out de Luana assumiria a forma de um recurso. O CHA esperava que a reivindicação de Luana fosse também uma reivindicação de interesse coletivo, de interesse social: "... o que muitos podem considerar um caminho arriscado - o trauma potencial da exposição íntima de um menor - deve ser valorizado em seu devido ponto. Luana pode ser quem é, pode ser nomeada com o nome de menina com o qual se percebe e se identifica, porque enfrentou o processo dignificante da visibilização. Porque, acima do medo e do estigma, ela assumiu o risco de questionar as leis do Estado em busca de reconhecimento.

A aparição de Gabriela Mansilla na mídia teve um enorme impacto. Carta ao governador e ao presidente da nação, o amor de uma mãe em favor dos direitos de uma criança era inapelável. Há, entretanto, uma tensão entre a visibilidade de um caso autoproclamado inaugural, como o caso Luana, e o cuidado com a intimidade, o fundador da psique, ainda mais no caso de uma criança de 4-5 anos. Nos três livros que estou mencionando, supõe-se que Luana - e sua mãe - triunfaram em uma luta, um feito considerado heroico. Enfrentar as leis do Estado", "vencer uma grande batalha cultural", "abrir a brecha no pensamento de que fala Jacques Rancière", como afirma a secretária acadêmica Gabriela Diker, da Universidade Nacional de General Sarmiento. Nenhuma atribuição, por mais excessiva que possa parecer diante dos desejos reais de uma criança de cinco anos, é excessiva para o entusiasmo que o caso desperta entre esses

especialistas: "Luana é uma pequena messias, embora essa comparação possa ser chocante para ateus e reacionários." E continua o Dr. Alfredo Grande, coordenador da equipe terapêutica que assiste Gabriela Mansilla e seus filhos, "Mas Luana é a profeta dos tempos do desejo..." "Sejamos livres, o resto não importa nada", disse o pai da pátria. E a única liberdade possível é a liberdade do desejo. Só somos livres quando somos o que queremos ser... Admiro sem inveja - o que, garanto, não é fácil - a liberdade de Luana. E a associa à afirmação de outra lutadora por todas as liberdades, Rosa Luxemburgo: "A liberdade dos outros prolonga a minha até o infinito"... Isso é Luana. Sua liberdade prolongou a nossa para novos infinitos. Você merece nossa infinita gratidão.

9. Embora a possibilidade de manter uma troca entre esses psicólogos militantes e psicanalistas possa ser importante, deve-se enfatizar que as diferenças entre a psicanálise e esse tipo de acompanhamento são tão profundas que exigem que pratiquemos o tipo de diálogo proposto por Freud em *Psicanálise leiga*, onde um nunca pode convencer o outro, mas pode argumentar suas diferenças e sustentar sua especificidade, o que não é pouca coisa em uma época em que a psicanálise é obrigada a adotar significantes que não se referem a seus próprios termos e a deixar de lado outros que, embora essenciais para ela, não são aceitos por algum outro discurso social. Para a psicanálise, o sujeito não é livre com relação aos significantes que o determinam, ele tem a liberdade da alienação forçada, sem a qual ele perde sua bolsa e sua vida. Ele também tem a liberdade de fazer outra coisa com esses significantes que o determinam, além de sua mera subjugação. Portanto, há uma margem de liberdade, mesmo que sua ostentação seja sempre suspeita para nós. Por que enfatizar a liberdade de escolha de Luana aos quatro anos de idade, elevando-a praticamente a um ideal absoluto, se não for para me desresponsabilizar dos efeitos de minha própria intervenção, na medida em que alguém se envolve pessoalmente como terapeuta, mãe, advogada, militante no avanço desse desejo trans na esfera social? A suposta liberdade de Luana, exibida ao longo do livro, não acabaria sendo, em parte, sua escravidão, uma vez que sua história é reapropriada por seu ambiente, a projeção dos fantasmas de cada pessoa, assimilada a uma liberdade total que não existe para Luana ou para qualquer outra pessoa? Seria a construção de um caso testemunhal, construído como um "exemplo a ser seguido" no caminho de um desejo trans que aspira a uma grande reforma social, um novo projeto utópico? Parece que sim. Em uma conferência na Untref em Buenos Aires, Judith Butler disse que está animada com a possibilidade de muitas crianças trans florescerem. "A criança trans não precisa

ser isolada, ela precisa estar em comunidades com colegas, para que não seja exposta à família como a única estrutura social. Precisamos de uma grande transformação nas escolas, nos ginásios, nos parques, para que as crianças trans possam se desenvolver. As crianças trans precisam estar com outras crianças trans, para que possam se identificar e aproveitar a vida."

Jean Allouch apontou recentemente uma abordagem interessante sobre o termo "liberdade".

Lacan declara a um jornalista belga: "Eu nunca falo sobre liberdade". Quando a liberdade está em evidência, Lacan a deixa de lado. Em 3 de fevereiro de 1972, considerando-a "indecente", ele propôs que a inscrição "Liberdade, Igualdade, Fraternidade" fosse apagada dos muros da República Francesa; pouco antes, (10 de março de 1970), ela havia sido objeto de uma acusação semelhante: "Esse apego à fraternidade sem contar com o resto, liberdade e igualdade, é uma coisa curiosa, da qual seria conveniente perceber o que ela cobre". O que ela abrange? Em 1958, ele julgou toda conversa sobre liberdade como sendo "por definição não apenas ineficaz, mas profundamente alienada de seu fim e de seu objetivo".

10 - Se esse projeto utópico existe, é preciso reconhecer que a psicanálise jamais poderia contribuir para sua formulação. A clínica sempre vem depois da queda dos ideais e não de sua entronização, ela paga seus custos em vez de receber seus créditos. Declarado de interesse cultural pelo Senado e editado pela Universidade de Gral. Sarmiento, não podemos saber se Luana adulta ficará feliz e orgulhosa ou horrorizada com o teor das confissões de sua mãe, dos terapeutas que a acompanham, de seus professores, de seus companheiros de militância. O que podemos saber é que, enquanto houver psicanalista, haverá um lugar onde tudo isso pode ser posto à prova, onde essas afirmações podem cair, onde a liberdade pode ser lida em suas determinações e nas operações de alienação que presidem a estruturação do sujeito que não é sem o Outro, e onde a separação pode dar lugar a esse pouco de liberdade que, embora não seja absoluta, também não é tão pouco. Um lugar onde os ideais do analista foram depositos para dar lugar aos do analisando, onde os próprios desejos do analista cedem lugar ao desejo do analisando, cuja abstinência não é covardia, nem falta de ação, mas, ao contrário, a possibilidade do ato. Garantir a sobrevivência desse espaço, diferente de todos os outros, é nossa aposta.